

## A PESQUISA CIENTÍFICA E AVALIAÇÃO ESCOLAR: APROXIMAÇÕES E IMPLICAÇÕES AOS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

Francisca Joselena Ramos Barroso<sup>1</sup>  
Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro<sup>2</sup>

### RESUMO

A pesquisa apresenta-se como uma atividade essencial às relações pedagógicas, principalmente no que se diz respeito, a avaliação escolar. Este trabalho tem como problemática geral: como a pesquisa, como princípio educativo, interfere na formação avaliativa de alunos na Educação Básica? E como objetivo: compreender como a pesquisa, como princípio educativo, interfere na formação avaliativa de alunos na Educação Básica. A pesquisa, pautada em uma fundamentação teórica, seguiu uma abordagem qualitativa realizada em 2019, em uma escola pública do município de Itapipoca-Ceará. Os participantes desta pesquisa foram cinco docentes que lecionam nas turmas de 4º ano e 5º ano. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário contendo seis perguntas abertas. A análise de dados permitiu concluir que a pesquisa auxilia o docente na busca por estratégias que se relacionam diretamente à avaliação escolar, promovendo uma formação integral, crítica e reflexiva. E dessa forma, quando essa prática é realizada diariamente permite que o educador conheça o nível de desenvolvimento de aprendizagem dos educandos e, por conseguinte, busque novas possibilidades de ensino para que as fragilidades que foram encontradas nesta relação sejam superadas.

**Palavras-chave:** Pesquisa científica, Princípio educativo, Avaliação escolar, Formação, Estratégias.

### INTRODUÇÃO

Quando o ser humano aceita sua incompletude é possível que reconheça como possibilidade de desenvolvimento integral as diversas relações contínuas que estabelece com o outro. O tema – pesquisas científicas e a avaliação escolar é relevante nesta perspectiva, pois quando o docente se assume como um sujeito em construção e, por meio disso, realiza pesquisas científicas com o intuito de diagnosticar os avanços em seu trabalho pedagógico como também, identificar as fragilidades e os seus motivos oriundos que circundam a aprendizagem dos discentes entende que a avaliação escolar não pode ser mensurada por provas e testes, mas de forma progressiva e a partir de diferentes estratégias.

Segundo Demo (2006), a pesquisa pode ser definida pela capacidade que o sujeito tem de questionar, assim como, de não admitir resultados conclusivos, estabelecendo também, a

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, josybarroso55@yahoo.com

<sup>2</sup>Doutor em Educação e professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, mirtiel\_frankson@yahoo.com.br

provisoriamente metódica durante todo esse processo como elemento primordial da renovação científica. Desse modo, a pesquisa apresenta-se como fundamental para descobrir e criar, pois a partir desse procedimento, este pode indagar as verdades enraizadas pela sociedade, acertar as novas relações que mantém e estabelecer o conhecimento novo.

Com relação ao âmbito escolar, a avaliação torna-se uma prática cada vez mais constante e, dessa maneira, “A avaliação não tem um fim em si mesma, mas é um meio a ser utilizado por alunos e professores para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem. Atualmente, a avaliação assume uma função diagnóstica e orientadora [...]” (HAIDT, 1994, p. 296). Portanto, a avaliação escolar explicita-se a partir de um transcurso dinâmico e que precisa transfigurar-se também pela criticidade e reflexão.

Este trabalho originou-se a partir de conversas promovidas pelo Grupo de Estudos, Saberes e Aprendizagem da Docência – GEPESAD<sup>3</sup>, o qual procurou alinhar a avaliação escolar com a pesquisa científica, a qual precisa ser estimulada com mais afinco por professores e alunos. Esta produção apresenta como problemática geral: como a pesquisa, como princípio educativo, interfere na formação avaliativa de alunos na Educação Básica? E como objetivo: compreender como a pesquisa, como princípio educativo, interfere na formação avaliativa de alunos na Educação Básica.

Esta investigação é importante em instância pessoal, no que se diz respeito as trocas de conhecimento promovidas pela interação entre professor e aluno/pesquisador. Para a universidade esta é relevante, pois estimula os saberes com relação a importância de pesquisar por educadores e suas implicações quanto à avaliação escolar. E, por fim, a sociedade, a mesma é importante, pois fomenta uma formação de professores crítica e reflexiva.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública do município de Itapipoca-Ceará, apoiada em uma fundamentação teórica que consiste nas ideias dos autores: André *et al* (2014); Demo (2006); Freire (1996); Haidt (1994); Libâneo (2013); Luckesi (1998); Minayo; Melo e Bastos (2012); Sousa, Costa e Soares (2011). Foi possível perceber que a pesquisa pode ser caracterizada como uma atividade importante quanto ao processo de ensino e aprendizagem, pois auxilia os docentes a questionarem questões que circundam o âmbito escolar, a exemplo, a avaliação, assim como, a procurar possibilidades de melhoria quanto ao seu trabalho pedagógico.

---

<sup>3</sup> O Grupo de Estudos, Saberes e Aprendizagem da Docência – GEPESAD, é um grupo em que professores da Educação Básica e licenciandos reúnem-se na Universidade Estadual do Ceará (UECE), no campus da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), quinzenalmente, para discutir aspectos relacionados à docência e um dos eixos temáticos do ano de 2019 consiste no debate sobre a avaliação escolar, um dos momentos da ação didática.

Este escrito está organizado da seguinte forma, primeiro tem-se a introdução já apresentada, a seguir consta a metodologia, o desenvolvimento, o qual conta com o apanhado de autores que discutem sobre a pesquisa científica, avaliação escolar e a relação pedagógica entre educador e educando, logo após, tem-se os resultados e discussões que promovem o entrelaçamento de ideias destes autores com os dados colhidos com a pesquisa de campo e, por fim, as considerações finais e as referências.

## **METODOLOGIA**

Este artigo apresenta como objetivo geral compreender como a pesquisa, como princípio educativo, interfere na formação avaliativa de alunos na Educação Básica. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do município de Itapipoca – Ceará, e tem como sujeitos participantes cinco professores que lecionam nas turmas de 4º e 5º ano. Para a análise de dados seguiu-se uma abordagem de natureza qualitativa, e pontua-se que:

[...] [a] análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador. (MINAYO, 2012, p. 28).

Assim, por meio das falas dos docentes foi possível compreender as suas percepções e práticas, sendo elúcidas por teorias sociais, as quais contribuem de forma única e contextualizada para o pesquisador. Para preservar a identidade dos mesmos, foram adotados nomes fictícios. Esta investigação também contou com a contribuição teórica dos seguintes autores: André *et al* (2014); Demo (2006); Freire (1996); Haidt (1994); Libâneo (2013); Luckesi (1998); Melo e Bastos (2012); Minayo (2012) e Sousa, Costa e Soares (2011). Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário contendo seis perguntas abertas. A seguir, consta a revisão de literatura.

## **DESENVOLVIMENTO**

A avaliação escolar é uma prática cada vez mais frequente nas instituições de ensino, porém, como pontua Melo e Bastos (2012), a maioria dos professores não sabem como avaliar de forma coerente a aprendizagem dos alunos e, a prova dessa forma, acaba transformando-se em processo incessante de cobrança de conteúdos decorados mecanicamente pelos alunos ou, até mesmo, uma prática do professor de punir os alunos pela falta de comportamento. Assim, o

momento avaliativo pode tornar-se desesperador para os alunos e prazeroso para seus professores. Em contrapartida, tem-se que: “[...] não só o aluno, mas também o professor e todos os envolvidos na prática pedagógica podem, a partir dela, refletir sobre sua própria evolução na construção do conhecimento [...]” (MELO; BASTOS, 2012, p. 184). Desse modo, a avaliação partindo desse viés apresenta-se como uma possibilidade de alunos e professores refletirem juntos sobre suas práticas, assim, como seu próprio desenvolvimento quanto ao conhecimento.

De acordo com Freire (1996), ensinar não diz respeito a transferir conhecimento a alguém, mas criar meios para que ele seja produzido. Logo, professor e aluno precisam estar de forma equiparados, os quais, por intermédio do compartilhamento de experiências, construam constantemente diferentes saberes. Em consonância a esta ideia, Souza, Costa e Soares (2011, p. 82) complementam neste trecho:

[...] o professor, muitas vezes considerado um simples executor de tarefas, é alguém que também pensa o processo de ensino. Esse pensar reflete o professor como ser histórico, ou seja, o pensar do professor é condicionado pelas possibilidades e limitações pessoais, profissionais e do contexto em que atua.

Portanto, como pode-se perceber, o docente é constantemente visto apenas como executor de atividades relacionadas ao ensino e à burocracia, no que diz respeito a organização da escola, mas também, o mesmo precisa ser visto como sujeito que pensa sobre o processo a qual está inserido. Esta ação, ocorre porque este é um sujeito histórico, já que é permeado pelas possibilidades e as limitações, tanto pessoais quanto profissionais existentes na instituição em que trabalha. Dessa maneira, o professor não pode deter-se apenas a ensinar de forma mecanizada os conteúdos acumulados historicamente pela sociedade aos alunos, mas pensar criticamente sobre as condições que constroem esses conhecimentos e suas implicações à prática pedagógica. Para que isso ocorra, é necessário a presença de educadores e educandos que sejam criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, mas sobretudo, humildes e persistentes quanto à busca pelo conhecimento, como defende Freire (1976).

Nesta dimensão, Souza, Costa e Soares (2011) apresentam a pesquisa como uma atividade intrínseca ao processo pedagógico, representada pelas indagações que deveriam estar sempre presentes no ato de ensinar. O princípio norteador consiste em professores e alunos aprenderem a aprender. Assim, a realização de pesquisas principalmente na escola, ocupam um papel fundamental no andamento do processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, o

trabalho docente deve ser permeado por incertezas diárias, mas também pela busca incessante de soluções criativas quanto as questões abordadas.

Com relação a realização de pesquisas, distantes da realidade encontrada pelo professor na educação básica, acaba por restringir a possibilidade dessas pesquisas serem produzidas por esses sujeitos, e assim, é importante que essas atividades sejam consideradas socialmente e que seja ampliado o conceito de pesquisa utilizado dentro da universidade, de acordo com Penitente (2012). Desse modo, percebe-se que há um grande distanciamento entre a universidade e a escola e isto acaba enfraquecendo as ações de pesquisas a serem desenvolvidas pelos professores.

A este respeito, Ludke (2012) propõem que a universidade seja responsável por promover uma formação teórica, consistente, crítica e reflexiva, onde permita que o professor conheça melhor os problemas e as características pertencentes à escola. Estes elementos ajudam o docente a compreender e a ultrapassar perspectivas que possam limitar o seu trabalho. Logo, “A pesquisa junto ao professor da educação básica é importante não apenas como resultado de trabalho de pesquisadores de fora, mas como fruto do trabalho realizado pelo próprio professor, a partir de uma postura de ação e reflexão [...]” (SOUZA; COSTA; SOARES, 2011, p. 84). Em virtude disso, a realização de pesquisas em âmbito escolar, faz-se importante, não em termos de resultado abstratos, mas que sejam feitos a partir da própria realidade crítica e reflexiva a qual o professor é submetido.

Em acréscimo, Melo e Bastos (2012, p. 195) afirmam: “O aluno é um elemento ativo no processo ensino-aprendizagem, como é também o professor. Portanto a relação entre ambos deve ser de constante interação para a produção do conhecimento [...]”. À vista disso, pode-se compreender que as relações pedagógicas realizadas por ambos precisam ser alicerçadas por uma constante interação para que haja a produção de saberes. Freire (1996, p. 32) ainda reitera:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Como foi visto, o professor não pode ensinar sem que esta ação esteja entrelaçada com o ato de pesquisar, e vice-versa, pois esses fazeres encontram-se intrinsecamente relacionados. Enquanto o professor ensina, ele precisa buscar novos conhecimentos, aprender a procurá-los. E, este tem a motivação de buscar porque indaga ao outro e a si mesmo. E dessa maneira, pesquisa para constatar o que sabe e, assim, intervém em seu contexto onde educa e se educa também. Assim, ele pesquisa também para conhecer o que ainda não sabe, já que é um sujeito

em construção constante e quando descobre novos conhecimentos anuncia ao outro esta grande novidade, demonstrando que o conhecimento precisa ser compartilhado.

A avaliação aparece nesta dimensão como uma prática que precisa tornar-se constante em âmbito escolar, visto que é um importante instrumento pedagógico que pode auxiliar o professor a diagnosticar a evolução do processo de ensino e de aprendizagem, tendo como o primeiro passo: “[...] direcionar os caminhos da prática da avaliação e assumir um posicionamento pedagógico claro e explícito [...]” (LUCKESI, 2012, p. 42). Em concomitância com isto, tem-se que “[...] é necessário interesse do professor em produzir instrumentos eficientes que busquem ao máximo as competências múltiplas dos alunos, pois desses instrumentos depende a classificação dos alunos e seu futuro.” (MELO; BASTOS, 2012, p. 200). E, desse modo, é preciso que o professor disponha de diferentes práticas avaliativas que busquem, não classificar o nível de aprendizado dos alunos, mas possibilitar a evolução destes.

Na perspectiva de Souza, Costa e Soares (2011), tem sido fomentado um grande movimento em prol do professor-pesquisador como uma forma de valorizar os docentes, considerando-os como agentes de mudança e produtores de conhecimentos, mas em muitos casos os mesmos são culpabilizados por todas as mazelas da educação. Assim, segundo esses autores, é preciso examinar com cuidado esta proposta que consiste em formar o professor em pesquisador para que estes não venham a cair em armadilhas, e nem que sejam atribuídos a estes o papel de redentor de resoluções mágicas sobre os graves problemas educacionais. Desse modo, a pesquisa não deve ser entendida como:

[...] mera cópia de trechos de livros, artigos, entre outros, mas como atividade importante no processo de apropriação do conhecimento, já que é por meio dela que se pode apreender o conhecimento historicamente acumulado e avançar no conhecimento dos problemas que aflige o campo da educação. Ademais, ela favorece o trabalho pedagógico, uma vez que o professor pode trabalhar, ao mesmo tempo, com diversas áreas do conhecimento [...] (PENITENTE, 2012, p. 23).

E, assim, tem-se que a pesquisa é muitas vezes apresentada aos alunos como uma consulta superficial, em que são feitas apenas cópias de livros e artigos, tal prática desconsidera essa atividade como elemento importante no processo de apropriação do conhecimento. Portanto, esta precisa ser considerada um meio que possibilita apreender o saber historicamente acumulado pelas gerações e que também pode auxiliar a resolver os problemas educacionais. E, ainda, tem-se que a realização de pesquisas favorece o trabalho pedagógico na medida em que promove uma formação interdisciplinar. Desse modo: “[...] a pesquisa deve ser parte integrante do trabalho do professor, ou seja, que o professor deve se envolver em projetos de

pesquisação nas escolas ou salas de aula [...]” (ANDRÉ, 2014, p. 55). Ou seja, a pesquisa é uma tarefa indissociável do trabalho docente, fazendo-se importante em âmbito escolar.

Como já foi visto, a pesquisa é uma atividade importante ao trabalho pedagógico, pois faz com que o educador reflita criticamente sobre o contexto que o cerca, e, que assim procure possibilidades que auxiliem nas mudanças necessárias à melhoria da educação, inclusive no que se diz respeito às práticas avaliativas. No entanto, André (2014) levanta pontos que são relevantes para se pensar nas condições que os docentes são submetidos quanto a realização de pesquisas, principalmente no Brasil:

[...] Querer que o professor se torne um profissional investigador de sua prática exige que se pense nas exigências mínimas para sua efetivação, ou seja: é preciso que haja uma disposição pessoal do professor para investigar, um desejo de questionar; é preciso que ele tenha formação adequada [...]; que atue em um ambiente institucional favorável à constituição de grupos de estudo; que tenha oportunidade de receber assessoria técnico-pedagógica; que tenha tempo e disponha de espaço para fazer pesquisa; que tenha possibilidade de acesso a materiais, fontes de consulta e bibliografia especializada. (ANDRÉ, 2014, p. 60).

Dessa maneira, a realização de pesquisas, sobretudo no âmbito escolar, encontram muitos impasses, pois os docentes precisam dispor de condições mínimas quanto a esse processo, que muitas vezes são negadas, já que são submetidos a atividades, em muitos casos, burocráticas, além da carga horária extenuante de trabalho que desmotiva a pesquisa, o desejo de questionar as verdades absolutas que permeiam a escola. Uma formação adequada voltada à pesquisa é de suma importância, a isso soma-se a oportunidade de a instituição escolar dispor de um ambiente favorável para o estudo dos professores, assim como a presença constante da gestão pedagógica, agregada a isso, a disponibilização de recursos financeiros e pedagógicos para este trabalho.

A partir do ponto de vista de Luckesi (1998), a avaliação pode contribuir para identificar os impasses que limitam as atividades escolares e, por conseguinte, a encontrar soluções que possam superá-los; assim, subsidia o acréscimo de soluções, se necessárias, para um determinado percurso direcionado as ações formativas. Em adição, coloca-se: “[...] a pesquisa pode favorecer a emancipação docente, trazendo autonomia aos professores, que deixam de ser meros executores de ideias pensadas por outros para atuarem e contribuírem na construção e sistematização do conhecimento produzido por eles, livres das pressões externas [...]” (PENITENTE, 2012, p. 25). Ou seja, a pesquisa vinculada a avaliação escolar propõe a autonomia ao educador para que este construa o saber, livre de pressões externas.

Assim, faz-se necessário que o professor esteja constantemente avaliando e reavaliando sua prática pedagógica. Como também, que o educando possa ter vez nesses processos

avaliativos, que também possa participar da avaliação, considerando assim, que o trabalho pedagógico se dá por meio da relação dialógica entre educador e educando. E, desse modo: “[...] Formar o professor não é apenas qualificá-lo em uma ‘área específica’, capacitá-lo teórica e metodologicamente para ensinar determinado conteúdo, mas é também formá-lo para enfrentar e construir a ação educativa escolar em sua totalidade [...]” (SOARES, 2014, p. 93). Em virtude disso, tem-se que o professor não pode ser apenas qualificado teórico e metodologicamente para uma área específica, mas sim compreender e enfrentar as relações pedagógicas de maneira integral.

E, por último, Penitente (2012, p. 34) afirma que: “Como exercício didático, a pesquisa pode investigar a prática cotidiana dos professores para buscar instrumentos de investigação que atendam às necessidade das escolas, buscando refletir e compreender melhor a relação teoria e prática.” Por isso, a pesquisa como prática diária na vida dos professores tem a finalidade de procurar novos instrumentos de investigação que atenda às particularidades de suas escolas, assim como faz com que os docentes reflitam e compreendam melhor como se articula a relação teoria e prática, elementos essenciais na prática pedagógica. Após isso, tem-se a apresentação dos dados obtidos por meio da pesquisa de campo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta secção traz a percepção dos docentes pesquisados sobre os seguintes pontos: o ato de pesquisar e o processo de ensino e de aprendizagem; a realização de pesquisas e a avaliação escolar e a pesquisa e suas contribuições à formação do educando e educador. Segundo Haidt (1994) a ação educativa tem uma finalidade, ou seja, pressupõe objetivos a serem atingidos por meio da relação pedagógica entre educador e educando, dessa maneira, cabe ao professor estabelecer metas para o seu trabalho, já que ensinar e aprender são processos intimamente relacionados.

Demo (2006, p. 14) complementa: “[...] Quem ensina carece pesquisar; quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi [...]”. Assim, a pesquisa aparece como uma atividade diretamente relacionada ao processo de ensino e de aprendizagem e quando o docente não possui este hábito, acaba por não desenvolver uma formação integral para si e aos alunos. A esse respeito, o professor Claudistone aponta: “A pesquisa me proporciona mais conhecimento, mas deve sempre estar aliado a uma boa prática.” Assim, o ato de pesquisar precisa sempre estar interligado com a prática docente, pois auxilia o professor a propor ações que ajudam a efetivar o processo de ensino e de aprendizagem.



Para o professor Mário é importante pesquisar, pois: “[...] o conhecimento é elaborado pelo acúmulo de pesquisas realizadas. E é através desse conhecimento que podemos compreender e transformar nossa realidade.” Faz-se interessante ressaltar que a pesquisa é de suma importância para o trabalho pedagógico, pois promove uma consciência crítica e reflexiva para professores e alunos com relação ao meio em que estão inseridos com vista as transformações sociais.

Neste contexto, Luckesi (1998) pontua: “[...] a avaliação educacional deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora.” Dessa maneira, a prática avaliativa precisa apresentar-se como um direcionamento para que melhorias sejam realizadas e não como instrumento de controle. Para Maria, pesquisar: “Melhora o aprendizado do educando e minha prática docente”, assim, pode-se afirmar que pesquisar no ambiente escolar faz com que haja uma prática docente mais consistente e, por conseguinte, um melhor aprendizado aos discentes.

O docente Mário acrescenta que: “[...] a pesquisa é um grande instrumento na construção do conhecimento. Por meio da pesquisa podemos descobrir métodos novos de trabalhar com os alunos.” À vista disso, fica perceptível a importância de pesquisar na escola, pois a mesma permite que o educador conheça novos métodos, inclusive avaliativos para agregar ao processo de ensino e aprendizagem. Haidt (1994, p. 297) confirma isto, pois: “[...] O professor deve fazer uso de todos os recursos a seu alcance para obter o máximo de informações sobre o comportamento e o aproveitamento escolar do aluno [...]”, portanto, dispor de uma diversidade de instrumentos avaliativos faz com que o professor compreenda melhor o desenvolvimento do aluno.

Os professores apontaram métodos de ensino e avaliativos diferentes, já que a formação e a prática pedagógica dos mesmos também são divergentes, pois, a professora Valentina propõe: “Provas dissertativas, trabalho em equipe e debates.” Desse modo, a mesma procura por métodos que visem a singularidade do educando, mas ao mesmo tempo sua integração com os outros, e desse modo, o desenvolvimento integral. Assim, “[...] Quando o professor encara o aluno como um ser integral, sua avaliação não incide apenas sobre facetas isoladas do comportamento [...] mas também verifica hábitos e habilidades de convívio social e constata a evidência de atitudes e interesses [...]” (HAIDT, 1994, p. 288). Desse modo, o docente precisa acompanhar o aluno em sua totalidade e a avaliação apresenta-se como uma importante possibilidade.

Dando seguimento, tem-se a colocação deste profissional: “A avaliação está voltada para a ação pedagógica tendo caráter processual, formativo e participativo, continua

diagnóstica, acumulativa durante o ano letivo.” (GLAUDISTONE). Assim, fica claro que para este professor, o processo avaliativo dar-se de maneira dinâmica, gradativa, formativa e participativa em que professor e aluno aprendem juntos, diagnóstica, já que procurar perceber o nível de aprendizagem dos educandos, para então serem desenvolvidas as ações pedagógicas e acumulativas durante todo o ano, pois agrega os saberes aprendidos por meio das experiências. Como aponta Luckesi (1998), a avaliação da aprendizagem precisa servir de suporte para qualificar os conhecimentos já aprendidos pelos educandos, diante dos objetivos propostos, e, assim, ajudá-lo a alcançar os saberes que ainda não possui.

Logo, a avaliação apoiada na prática de pesquisa por docentes e discentes em âmbito escolar pode ser compreendida como uma forma de contribuição à formação destes por meio de um processo dinâmico e constante, pois mobiliza saberes, promovendo também o ensino e a aprendizagem significativa. Em consonância a isso, a professora Valentina comenta:

Basicamente é uma troca de experiência, como avaliar sem ter a priori uma relação aberta com seu aluno, sem permitir todas as formas de expressões, deixar o aluno se expandir tendo a oportunidade de demonstrar o que de melhor ele possa dar de sua aprendizagem.

A docente coloca a importância de se ter uma relação harmoniosa com os seus alunos e que a mesma contribui significativamente para os processos avaliativos. É importante destacar também, a necessidade de serem propostas mais avaliações em que sejam valorizadas todas as formas de expressões, as quais possibilitem que os educandos possam demonstrar o potencial que tem para com sua aprendizagem, já que “A avaliação deve ser um instrumento para estimular o interesse e motivar o aluno a maior esforço e aproveitamento e não como uma arma de tortura e punição [...]” (HAIDT, 1994, p. 297). Portanto, quando o professor pesquisa constantemente pode estar descobrindo novos métodos avaliativos que despertem o interesse do educando e, assim, a sua aprendizagem.

De acordo com isso, aponta-se que: “[...] quando a forma de avaliação é somente através de provas escritas, muitos alunos apenas decoram o conteúdo para a prova.” (MÁRIO). Logo, estabelecer apenas provas escritas para os alunos demonstrarem o seu nível de aprendizado, muitas das vezes fazem com estes memorizem os conteúdos de forma mecanizada com a finalidade de atingir as notas impostas, desconsiderando o desenvolvimento processual de cada um. Desse modo, quando a aprendizagem passa a ser um treino constante por meio de provas, a educação aparece como uma forma de instrução, informação, reprodução, desvinculando-se de sua função essencial que consiste em promover uma ambiência de instrumentação criativa, em contexto emancipatório e não disciplinador (DEMO, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta produção buscou compreender como a pesquisa, como princípio educativo, interfere na formação avaliativa de alunos na Educação Básica. A partir do entrelaçamento de ideias apresentadas pelos autores que compõem a fundamentação teórica desta e dos docentes pesquisados, foi possível perceber que a avaliação sendo uma prática constante na escola precisa assumir a função de diagnosticar o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos e direcionar os melhores rumos para que as fragilidades existentes sejam superadas, contrapondo a avaliação como um instrumento de classificação e castigo.

O professor, como um sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, precisa ser reconhecido pela sua capacidade de pensar e refletir criticamente sobre o meio a qual está inserido, assim como sua prática pedagógica. Desse modo, a pesquisa apresenta-se como a possibilidade de o docente indagar sobre sua realidade e procurar incessantemente por possíveis respostas, no entanto, para muitos educadores, o trabalho que realizam e as condições precárias para estudo que eles têm ainda se encontram muito distante das discussões que cercam as pesquisas científicas na universidade.

Para que o ensino e a aprendizagem se efetivem de forma significativa é necessário que educador e educando mantenham relação harmoniosa, desencadeando, assim, diversos saberes. E, dessa forma, quando o docente faz pesquisa em seu cotidiano torna-se possível descobrir novas formas avaliativas que permitem conhecer com mais consistência a evolução da aprendizagem do educando, assim como procurar meios para que este venha a despertar o interesse dos alunos em aprender de forma significativa os conhecimentos que ainda não possui em sua formação.

A pesquisa como prática diária tem a importante função de procurar outros mecanismos de investigação relacionados às particularidades de cada instituição de ensino, repercutindo na associação entre teoria e prática, que encontra foco na relação pedagógica em termos avaliativos, pretendendo fazer com que o educador promova diferentes instrumentos que possibilitem um processo de ensino e de aprendizagem dinâmico, crítico e reflexivo.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli *et al.* **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.** 12. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 2012.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Haidt, R. C. C. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. In. Haidt, R. C. C. **Curso de Didática geral**. São Paulo: Ática, 1994, p. 286-319.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MELO, E. S; BASTOS, W. G. A avaliação escolar como processo de construção de conhecimento. **Est. Aval. Educ**, São Paulo, v. 23, n. 52, p. 180-203, maio/agos. 2012. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjFIMr8prLjAhWkHrkGHY3eBD8QFjAAegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Fwww.fcc.org.br%2Fpesquisa%2Fpublicacoes%2Fae%2Farquivos%2F1735%2F1735.pdf&usg=AOvVaw07JUJpXZs4N7de\\_iiviz3c](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjFIMr8prLjAhWkHrkGHY3eBD8QFjAAegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Fwww.fcc.org.br%2Fpesquisa%2Fpublicacoes%2Fae%2Farquivos%2F1735%2F1735.pdf&usg=AOvVaw07JUJpXZs4N7de_iiviz3c). Acesso em: 24 junho. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUSA, A. A. de; COSTA, C. O. da; SOARES, R. Refletindo sobre a importância da pesquisa na formação e na prática docente. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v.10, n.1, jul. de 2011. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjkraD3qbLjAhVpIrkGHQ6JDqgQFjABegQIBhAC&url=https%3A%2F%2Feditorarealize.com.br%2Frevistas%2Fconedu%2Ftrabalhos%2FTRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA4\\_ID3809\\_17082016102923.pdf&usg=AOvVaw1k5O5KSe2iHAKmEy3ypPlu](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjkraD3qbLjAhVpIrkGHQ6JDqgQFjABegQIBhAC&url=https%3A%2F%2Feditorarealize.com.br%2Frevistas%2Fconedu%2Ftrabalhos%2FTRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID3809_17082016102923.pdf&usg=AOvVaw1k5O5KSe2iHAKmEy3ypPlu). Acesso em: 26 junho. 2019.